

TEATRO

A VIZINHA DE ANTÔNIO

Roberto Gerin

Personagens

Nica (38)

Dona Mora (68)

Mercedes (49)

Moleque (11)

Uma área de fundo, espécie de sala ampla e despojada, utilizada como ateliê. Um sofá de pano florido, em vime, uma mesa enorme, rústica, de madeira, sobre a qual se espalham inúmeras peças de barro e cerâmica, além de pequenos potes de tinta. No canto oposto, um móvel, sobre o qual repousam algumas fotos, todas de Júlia, filha de Nica, e revistas, a maioria especializada em arte. Entre esses móveis, uma passagem que dá para um corredor que leva aos quartos, localizados na frente da casa. Na mesma parede, uma foto antiga, em quadro com moldura elegante e moderna, provável seja a mãe de Nica. Ao fundo, centralizada, uma porta que dá para a cozinha e outras dependências; oposta à janela que dá para a varanda da casa de dona Mora, fica a porta principal, saindo para um espaço externo amplo, utilizado como passagem para a rua, e também como depósito de vasos e flores. De quem olha da rua, no lado direito à casa de Nica, separada por um muro baixo, vê-se, num plano mais elevado, a varanda da casa de dona Mora.

ATO I**CENA I**

- DONA MORA *(Na varanda da sua casa, em frente à janela lateral do ateliê da casa de Nica.)* Nica! Niica! Ô mulher difícil. Nica! *(Atira uma laranja pela janela da casa de Nica, que vai bater na parede oposta, quase junto à porta lateral, que dá para o corredor externo. Pausa. Irritada.)* Maria Francisca!
- NICA *(De fora, impaciente.)* Calma, dona Mora, já estou indo!
- DONA MORA Eu tenho notícias do Antônio.
- NICA *(Entra súbito, pela porta lateral, ansiosa. Traz um avental, amarrado ao pescoço e à cintura, sujo de barro e tintas.)* O que foi que aconteceu dessa vez?
- DONA MORA Ele está morrendo.
- NICA Isso eu já sei.
- DONA MORA Dessa vez é sério! O doutor Luciano me disse que de hoje ele não passa.
- NICA Está mais do que na hora de acabar com esse sofrimento.
- DONA MORA *(Insinua.)* Você está querendo que o Antônio morra?
- NICA Eu quero que ele pare de sofrer.
- DONA MORA Seria tão bom se ele batesse as botas, *(Intencional.)* não é, Nica?

NICA *(Reage.)* Como é que eu vou querer a morte de alguém, dona Mora?!

DONA MORA *(Séria.)* Você não está triste.

NICA Lógico que eu estou.

DONA MORA Então chega aqui, na janela. Eu quero ver o seu rosto. *(Vendo que Nica hesita.)* Mais perto!

NICA *(Quase se debruçando sobre o peitoril da janela.)* Tenha a santa paciência, dona Mora!

DONA MORA Você não está triste.

NICA *(Demonstrando, sutilmente, uma confusão interior.)* A senhora quer o quê? Que eu chore...?

DONA MORA O Antônio vai morrer.

NICA Se a senhora quer saber, eu já me acostumei com esse morre não morre.

DONA MORA *(Abaixa o tom.)* O que é que está acontecendo, Nica?

NICA Nada.

DONA MORA Tem certeza?

NICA Eu não sou de ficar lambendo moribundo, só isso! *(Ressentida.)* Aposto que tem fila na porta do quarto. Ele não precisa de mim.

DONA MORA Isso é mágoa ou ciúme?

NICA Essa babação toda me irrita!

DONA MORA Vai me dizer que você não queria estar lá, babando.

NICA Se depender de mim, vai morrer só.

DONA MORA O Antônio, morrer só? Se é isso que você quer, desista! Pinto bom, serventia não lhe falta!

- NICA Que façam bom proveito.
- DONA MORA (*Nica ameaça sair. Irrita-se.*) Aonde você vai?
- NICA Eu tenho muito vaso pra pintar, dona Mora.
- DONA MORA Vasos, vasos, é só nisso que você pensa?! E o resto, como é que fica? Isso que você tem no meio das pernas, não vale nada, não? (*Nica sai pela porta dos fundos. Tom de ordem.*) Vem cá, eu ainda não terminei.
- NICA (*Volta.*) Eu preciso trabalhar, dona Mora, por favor!
- DONA MORA Desde que ele ficou doente, você não botou os pés lá.
- NICA Eu nunca fui à casa do Antônio.
- DONA MORA (*Inconformada.*) Mas agora ele está doente!
- NICA Não vou, dona Mora.
- DONA MORA Ele é seu vizinho.
- NICA Por que é que eu tenho que ir?
- DONA MORA Por que é o normal! (*Amuada.*) Pelo menos pra prestar solidariedade à família.
- NICA (*Irônica.*) Bela família...!
- DONA MORA (*Conclusiva.*) É brigada com a família também.
- NICA (*Decidida.*) Eu não vou, e não vou! E não quero mais falar nesse assunto.
- DONA MORA Por que é que você fechava a porta toda vez que o Antônio passava em frente à sua casa?
- NICA A porta sempre esteve fechada.
- DONA MORA Mentira! Você virava as costas pra ele como o diabo vira a bunda pra cruz!
- NICA A casa é minha. Eu abro e fecho a porta pra quem eu

- quiser!
- DONA MORA Medo que ele entrasse?
- NICA *(Agressiva.)* O Antônio jamais entraria na minha casa. Ele não foi homem pra isso.
- DONA MORA Mas você ficava esperando.
- NICA Que ele morresse, sim!
- DONA MORA Você tem noção do que está dizendo?
- NICA Não é isso que a senhora quer ouvir?
- DONA MORA E depois que ele morrer?
- NICA Minha vida vai continuar.
- DONA MORA Será?
- NICA A da senhora não continuou depois que o seu Abelardo morreu? Pelo que sei, fez foi pegar fogo.
- DONA MORA *(Reage.)* Não se meta na minha vida, menina! *(Pausa.)* Meu marido está morto, que Deus o tenha! Mas o Antônio ainda não.
- NICA *(Silêncio. Suspira fundo, pega um dos potes sobre a mesa e começa a mexer a tinta. Um tanto nervosa.)* Me dói ver o Antônio daquele jeito, com aquela doença ruim, sem volta. Mas, infelizmente, não posso fazer nada.
- DONA MORA *(Irônica.)* Que pena...!
- NICA *(Para si mesma, pegando o vaso.)* Eu tenho que cuidar da minha vida. Eu tenho a minha filha! O resto... *(Rancorosa.)* é resto! O que importa agora é que vou colocar os meus vasos em São Paulo, como eu sempre quis. Tenho certeza que vão aplaudir a minha arte, dona Mora! Foi pra isso que trabalhei duro nesses anos todos. *(Sai pelos fundos.)*

- DONA MORA *(Tem dificuldade de ver Nica pela janela. Carinhosa.)*
 Ô, minha filha, por que essa teimosia toda...? Será que te custa tanto assim ir lá dar uma olhadinha no pobre coitado... *(Procura Nica. Insegura.)* Nica... Eu não estou te vendo! *(Pausa. Rende-se.)* Está bem, vamos mudar de assunto. Não se fala mais no Antônio. *(Nica entra, trazendo um vaso médio. Ocupada. Dona Mora a vê, anima-se.)* A Mercedes trouxe a imagem da santa?
- NICA Às nove, em ponto. Imagina se ela ia se atrasar.
- DONA MORA *(Diverte-se.)* A beata não perde tempo. Fica esperando na rua, até dar nove horas em ponto. É assim todos os dias! *(Maldosa.)* Depois entra na casa dos outros, como se fosse a própria santa.
- NICA Ela é a coordenadora da novena. Se a imagem da santa tem que passar pra próxima casa, às nove horas, todo dia, então, que seja às nove.
- DONA MORA Por que é que cada uma de nós não pega a santa e não leva pra próxima casa? Por que é que tem que ser ela?
- NICA Sempre tem aquela que esquece.
- DONA MORA Pois amanhã, *(Enfática.)* às nove horas, quem vai trazer a santa aqui pra minha casa vai ser você. E sou eu que vou levar a santa pra casa do Antônio. Apesar daquele muro alto que o safado mandou erguer, eu ainda sou a vizinha dele. *(Irrita-se por não conseguir ver Nica.)* Que é que você está fazendo? Chega mais pra cá, detesto ficar falando pras paredes!
- NICA *(Levanta o tom, para se fazer presente.)* Só não quero que a senhora me crie confusão com dona Mercedes.
- DONA MORA A Mercedes não tem que ficar mandando na novena, como se fosse o bispo.
- NICA Melhor então a senhora falar com ela.
- DONA MORA *(Ranzinza.)* Lógico que eu vou falar! Ou você acha que eu vou ficar de boca fechada? *(Pausa.)* Tem notícias da

Júlia?

NICA *(Eufórica.)* A Júlia telefonou. Adoraram o meu trabalho!

DONA MORA Ela conseguiu o contrato?

NICA Calma, dona Mora, as coisas não são rápidas assim não. Levam um tempo. Mas estamos chegando lá! Só precisamos combinar a quantidade das peças. Seu Válter acha que minhas cores são únicas. *(Devaneia.)* Que a minha arte é pessoal... Não é fantástico?

DONA MORA *(Intrigada.)* Quem é esse seu Válter?

NICA O dono da galeria. É com ele que a Júlia está fechando o contrato. *(Anima-se.)* A melhor coisa que eu fiz foi ter comprado o forno. Posso assar o barro do jeito que eu quiser. Deixo ele um pouquinho cru, pra conseguir o efeito exato das cores! *(Seus olhos brilham.)* Essa é a minha técnica, ninguém faz igual. É com ela que eu vou conquistar o mundo. São Paulo! Depois o Rio... Depois Nova Iorque...! A senhora ainda vai me ver na televisão!

DONA MORA É muito metida...!

NICA *(Entre ressentida e esperançosa.)* Vou ficar livre desse mundinho inútil, dona Mora.

DONA MORA Livre do Antônio, você quer dizer.

NICA *(Descontrola-se.)* O Antônio não tem nada a ver com isso. O que eu tenho eu conquistei sozinha! Fui eu que passei anos vendendo vaso na beira de rodovia. *(Bate a janela.)* Merda!

DONA MORA Abre essa janela, sua malcriada! Só por que pensa que é *(Deboche.)* artista, acha que pode bater a janela na cara dos outros?

NICA *(Abre a janela, brusca.)* Mas eu sou artista! *(Bate a janela de novo.)*

DONA MORA *(Silêncio. Rende-se, estrategicamente. Carinhosa.)* Está bem, você é artista. Ninguém cozinha vaso melhor do

que você. (*Silêncio. Nica abre a janela, mais calma.*)
Parece que você não está nem um pouco preocupada
com a Júlia, sozinha, naquele mundo de cidade.

- NICA São Paulo é uma cidade boa de se morar.
- DONA MORA Não é o que dizem.
- NICA Eu não estou preocupada com o que dizem!
- DONA MORA Pois devia. Homem de cidade grande come e joga fora.
- NICA (*Reage.*) Lá vem a senhora com a mesma conversa de sempre!
- DONA MORA Alguém tem que se preocupar com a sua filha.
- NICA A Júlia tem mãe, e ela sabe o que faz.
- DONA MORA Eu só quero ver quando um homem encostar a língua na orelha dela.
- NICA É só ela fazer o mesmo.
- DONA MORA Quem engravida é a mulher!
- NICA (*Exaltada.*) Eu ensinei minha filha a não pensar que homem é a única coisa boa que existe nesse mundo.
- DONA MORA (*Indignada.*) Mas é a única coisa boa! De que mais uma mulher precisa se não de um homem? Sem homem, o que é a mulher? Pena que só depois de velha é que a gente se dá conta das besteiras que faz! Onde é que tem um pinto bom pra uma velha de sessenta e oito anos? Só porcaria! Está aí o Antônio... Aquilo é um desperdício! Não conheço coisa melhor! (*Apressa-se.*) Não bate a janela na minha cara, menina! (*Nica bate a janela.*) Malcriada! Não tem homem melhor que o Antônio, está me ouvindo? Um safado, mas e daí? (*Brava.*) O que o Antônio precisava era de uma mulher que desse jeito nele. Nenhuma deu. Umas incompetentes! (*Nica pega um pote de tinta e sai pela porta lateral.*) Nica! (*Dona Mora sai e volta com duas laranjas na mão. Atira uma.*) Nica, sua sonsa! (*Atira a outra.*) Maria Francisca!

(Silêncio. Depois entra, resmungando, braba.) Fica assim quando eu falo do Antônio... Sem rumo! Eu sei que aí tem coisa. *(Volta-se para a casa da Nica.)* Ou você acha que eu não vou futucar essa história? *(Entra.)* Lógico que eu vou.

(Peça em um Ato, em que foram disponibilizadas 10 das 47 páginas.)